

- KANNENGIESSER, S. Y KUBITSCHKO, S. (2017). Acting on media: Influencing, shaping and (re) configuring the fabric of everyday life. *Media and Communication*, 5(3), 14. doi:10.17645/mac.v5i3.1165
- KELLY, K. (2016). *The inevitable: Understanding the 12 technological forces that will shape our future*. Nueva York: Viking.
- KNOBLAUCH, H. (2013). Communicative constructivism and mediatization. *Communication Theory*, 23(3), 297-315.
- KROTZ, F. (2014). Mediatization as a mover in modernity. En K. Lundby (Ed.), *Mediatization of communication* (pp. 131-161). Berlín, Nueva York: De Gruyter.
- LEVY, S. (1984). *Hackers: Heroes of the computer revolution*. Nueva York: Doubleday.
- LIVINGSTONE, S. (2009). On the mediation of everything. *Journal of Communication*, 59(1), 1-18.
- LOOSEN, W. (2018). Four forms of datafied journalism. Journalism's response to the datafication of society. *Communicative figurations*. Working Paper, 18. Recuperado de https://www.kofi.uni-bremen.de/fileadmin/user_upload/Arbeitspapiere/CoFi_EWP_No-18_Loosen.pdf
- LUNDBY, K. (2014). *Mediatization of communication*. Berlín, Nueva York: De Gruyter.
- LUNT, P. Y LIVINGSTONE, S. (2016). Is "mediatization" the new paradigm for our field? A commentary on Deacon and Stanyer (2014, 2015) and Hepp, Hjarvard and Lundby (2015). *Media, Culture & Society*, 38(3), 462-470.
- MADIANOU, M. (2014). Polymedia communication and mediatized migration: an ethnographic approach. En K. Lundby (Ed.), *Mediatization of communication* (pp. 323-348). Berlín, Nueva York: De Gruyter.
- MILLER, J. (2014). Intensifying mediatization: Everyday media. En A. Hepp y F. Krotz (Eds.), *Mediatized worlds. Culture and society in a media age* (pp. 107-122). Londres: Palgrave Macmillan.
- MURDOCK, G. (2017). Mediatization and the transformation of capitalism: The elephant in the room. *Javnost/The Public*, 24(2), 119-135. doi:10.1080/13183222.2017.1290745
- NEUBAUER, R. J. (2012). Dialogue, Monologue, or Something in Between? Neoliberal Think Tanks in the Americas. *International Journal of Communication*, 6. Recuperado de <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/download/1481/789>
- NÖLLEKE, D. Y SCHEU, A. M. (2018). Perceived media logic: A point of reference for mediatization. En C. Thimm, M. Anastasiadis y J. Einspänner-Pflock (Eds.), *Media logic(s) revisited. Modelling the interplay between media institutions, media technology and societal change* (pp. 195-216). Londres: Palgrave Macmillan.
- SILVERSTONE, R. (2005). The sociology of mediation and communication. En C. Calhoun, C. Rojek y B. Turner (Eds.), *The Sage handbook of sociology* (pp. 188-207). Londres: Sage.
- STRÖMBÄCK, J. Y ESSER, F. (2014). Mediatization of politics: Towards a theoretical framework. En F. Esser y J. Strömbäck (Eds.), *Mediatization of politics. Understanding the transformation of Western democracies* (pp. 3-28). Londres: Palgrave Macmillan.
- THIMM, C., ANASTASIADIS, M. Y EINSPÄNNERPFLOCK, J. (Eds.) (2018). *Media logic(s) revisited. Modelling the interplay between media institutions, media technology and societal change*. Londres: Palgrave Macmillan.
- TURNER, F. (2006). *From counterculture to cyberculture: Stewart Brand, the Whole Earth Network, and the rise of digital utopianism*. Chicago: University of Chicago Press.

Mediação, midiatização: Conceitos entre trajetórias, biografias e geografias¹

Mediation x Mediatization: Concepts between trajectories, biographies, and geographies

ANTÔNIO FAUSTO NETO

(pág 45 - pág 55)

RESUMO. As noções de mediação e de midiatização estão, pelo menos a partir dos anos 1980, no centro de estudos e de pesquisas no cenário da geografia dos estudos de comunicação, especialmente de origem latina, estes conceitos, não emergiram nem se desenvolveram de um modo "abstrato", mais a partir de trajetórias, biografias e geografias que têm se constituído em "condições de produção" bem como para sua circulação e recepção nos âmbitos acadêmicos, editoriais e da pesquisa aplicada. Este artigo apresenta cenários latinos nos quais as elaborações destes conceitos são pensadas e anunciadas. Como conclusão o artigo aponta o deslocamento do estudo da comunicação do ângulo das mediações para o da midiatização, conceito este que se dissemina no estágio atual da sociedade, no qual práticas sociais são afetadas de modo distinto, mais intenso, por operações da cultura midiática.. **Palavras-chave:** Difusionismo. Mediação. Midiatização. Cruzamentos/Diferenças.

ABSTRACT. The notions of mediation and mediatization are, at least since the 1980s, at the center of studies and research in the scenario of the geography of communication studies, especially the ones of Latin origin. And, like other concepts, they did not emerge and develop in an 'abstract' way, but from trajectories, biographies and geographies that, so to speak, constituted 'production conditions' of as well as for their circulation and reception in the academic, editorial and applied research fields. This article presents different Latin scenarios in which the elaborations of these concepts are thought of and announced. The conclusion points to the displacement of the study of communication from the angle of *mediations* to the angle of *mediatization*, a concept disseminated in the present stage of society in which social practices are affected by operations of media in a distinct but intense way.

Keywords: Diffusionism. Mediation. Mediatization. Intersections/Differences

ANTONIO FAUSTO NETO é Doutor em Ciência da Comunicação e da Informação (EHESS, Francia). Professor titular do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS (Brasil). Presidente de CISECO (Centro Internacional de Semiótica Comunicação) e pesquisador nível 1^a do CNP Brasil. Email: afaustoneto@gmail.com; fausto@unisinos.br

FECHA DE RECEPCIÓN: 1/2/2022

FECHA DE APROBACIÓN: 18/2/2022



INTRODUÇÃO

As reflexões aqui expostas têm como objeto dois conceitos que constituem quadro conceitual de estudos de comunicação na América Latina, especificamente no Brasil. A exemplo de uma “constelação” de conceitos que alimentaram este jovem caminho de estudos, as noções de mediação e de mediação estão desde os anos 1980, no centro da atenção do ensino e da pesquisa acadêmica. E em função dos objetivos da presente publicação, descrevemos três cenários distintos: inicialmente, recuperamos aspectos que caracterizaram o “desembarque” do difusionismo no Brasil (1962), cujas epistemologias condutivistas orientaram processos de modernização fundadas em matrizes de transferência de conhecimentos. Marcas da “pedagogia extensionista” no âmbito de várias práticas sociais (agrícolas, educativas, associativas etc.) permitem afirmar que o “paradigma difusionista” se constituiu na primeira “escola” de estudos comunicacionais no Brasil.

Mediação cuja primeira formulação, foi feita por Eliseo Verón (1986), exposta durante seminário acadêmico na Universidad de Buenos Aires. O pesquisador descreve o fenômeno como um complexo processo de circulação discursiva, de caráter não-linear, cuja atividade de produtores e receptores, que se organiza em torno de uma intercambialidade de diferentes gramáticas de produção e de reconhecimento, expressa inevitável “desajuste” no âmbito dos sentidos produzidos. Esta formulação, inspirada também em princípios da teoria da complexidade, vai orientar seu processos observacionais sobre construção e funcionamento da mediação, em termos empíricos-conceitualizantes.

Destes conceitos resultam processos de cooperação científica e acadêmica entre pesquisadores nacionais e internacionais, bem como pesquisa no âmbito da pós da graduação, de produtos editoriais e a constituição de estudos temáticos. Particularmente, destacam-se esforços para estudar a mediação no estágio em que vivemos, especialmente as mutações dos seus efeitos sobre práticas sociais diversas, como também os ensejados pela internet nas condições de condições de produção, de circulação e apropriação de conhecimentos.

Os conceitos de mediação e de mediação, aqui refletidos, ganham existência a partir de trajetórias de produção de conhecimentos, geografias e, particularmente, das biografias dos seus formuladores. Não visamos ressaltar a *performance* dos autores como seus “fundadores”, mais lembrar a singularidade dos estudos por eles inspirados, na medida em que estas noções se constituem na matéria-prima para investigação comunicacional nas paisagens latino-americanas.

2. “DESEMBARQUES” DO DIFUSIONISMO: REMINISCÊNCIAS

O difusionismo e a *research communication* desembarcam no Brasil a partir dos anos 1960, através das “malas postais” de escritórios americanos trazendo livros escritos (traduzidos para o português) por autores norte-americanos, especialistas no âmbito das *mass communications*, serem distribuídos para ambientes acadêmicos e jornalísticos. Constavam, deste pacote editorial, manuais de jornalismo, referências nas escolas de jornalismo norte-americanas, bem como textos sobre a *research communication*, como os escritos de Everett Rogers ([1962]1995) sobre difusão da inovação, que serviram como referências para a formação de educadores, extensionistas rurais.

Referidos conceitos migravam de agências governamentais e universidades norte-americanas para ações de programas em áreas rurais brasileiras, que se valiam de modelos condutivistas para promover a difusão de informações sobre processos de inovação agrícolas. Seu postulado principal repousava na transmissão de mensagens disseminadas a agricultores propondo a observância de padrões e parâmetros de transferência de conhecimentos. Traçados segundo racionalidades técnicas, metodológicas, comportamentais, que não incluíam aspectos situacionais dos usuários e de suas ofertas, pode-se dizer que seu *approach* teórico-empírico se constituiu na primeira “escola” de estudos de comunicação no Brasil. Muitas gerações de agrônomos, educadores e comunicólogos brasileiros foram treinadas inicialmente em centros americanos especializados em estudos sobre o difusionismo (Wisconsin, Michigan etc.).

3. DA DIFUSÃO À MEDIAÇÃO

As trajetórias difusionistas foram também alvo de formulações críticas inspiradas inicialmente, na emergente “sociologia da dependência”, nos anos 60/70 e que chamavam atenção para o fato do difusionismo não levar em conta variáveis de natureza estrutural relacionadas com a própria organização social das populações receptoras deste tipo de programas de modernização (Havens, 1972). Trajetórias críticas ao difusionismo se disseminam pelas veias latino-americanas através de reflexões dos marcos analíticos inspirados na ideologia cepalina sobre o desenvolvimentismo, e segundo larga experiência de pesquisadores em práticas de comunicação rural (Bordenave, 1978; Beltran, 1979). E, ainda, nas ressonâncias das abordagens críticas sobre a aplicação da pedagogia difusionista na atividade da extensão rural (Freire, 1970).

A crítica sobre os efeitos da episteme comunicacional condutivista, nas práticas sócio-comunicacionais na América Latina, é dinamizada pela circulação de reflexões de várias referências, Examina-se o difusionismo para além de suas vertentes de penetração econômica e tecnológica, buscando seus efeitos sobre regras sociais, e neste sentido pesquisa-se a “produção social da significação [...] porque pensamos que a significação (as ‘linguagens’, as ‘mensagens’, a ‘comunicação’) não pode ser separada do funcionamento da sociedade em seu conjunto e, mais especificamente, da produção social, do modo de produção” (Verón, 1974: 3). É o momento também propício para o aparecimento de duas importantes revistas sobre fenômenos sócio-semio-comunicacionais – *Lenguajes e Comunicación y Cultura* – publicadas na Argentina e no Chile.

Neste contexto de questionamentos apresentados pela pesquisa acadêmica comunicacional latino-americana desloca-se o eixo da atenção da pesquisa dos meios para mediações, examinando-se articulações entre práticas de culturais e de movimentos sociais, segundo diferentes processualidades e temporalidades envolvendo pluralidade de matrizes culturais (Martín-Barbero, 1987). Aponta-se uma nova problemática e trajetória de contraposição às lógicas do funcionalismo, ao chamar a atenção para perspectivas que permitiriam emergir sentidos a partir do reconhecimento da singularidade do trabalho de práticas culturais que permeiam o mundo da vida. Significa, portanto, um conceito de mediação radicalmente distinto de estudos funcionalistas, como por exemplo, as orientações sobre os “fluxos em duas etapas”.

A perspectiva de mediação proposta pelo autor colombiano prevê que elementos cognitivos, culturais, sociais, simbólicos do mundo dos indivíduos funcionariam como condição de um outro trabalho interpretativo em relação às ofertas das matrizes mass-midiáticas. Na contramão do difusionismo, as interações entre os meios de comunicação e os atores sociais repousariam na valorização do olhar destes, segundo perspectivas de suas práticas culturais, em contato com os meios. Matrizes de várias naturezas não só possibilitariam o acesso das pessoas aos meios, mas também funcionariam como referências para leitura e transformação das ofertas mass midiáticas em novos sentidos, segundo condições de elaboração que emanariam das próprias realidades sócio-simbólica dos atores sociais. A trajetória barberiana tem suas origens em matrizes filosóficas e semióticas (Martín-Barbero, 1978) para pensar a comunicação, mais vincula-se posteriormente, às epistemologias das ciências sociais, sob alegativa segundo a qual “pensar a comunicação na América Latina é cada dia mais uma tarefa antropológica” (Martín-Barbero, 2004a: 209).

A circulação das propostas barberianas ganha, ao longo dos anos, fluxos intensos nos contextos acadêmico e associativo latino-americanos. AS escolhas de modelos analíticos identificados com *approaches* socioantropológicos e dos “estudos culturais” permitiam, de um lado, a observação de questões que iam além das teses da “ação social organizada”, mas, por outro, a problemática do comunicacional aparecia fortemente afetada por aspectos tendências metodológicas de natureza sócio-antropológicas. Importávamos dos “países centrais” não só metodologias, mais os próprios problemas de pesquisa. Este aspecto tem de alguma forma, efeitos sobre o fato de que se retardaria o reconhecimento da comunicação midiática como instância geradora de problemáticas, inclusive seu status recente de área de conhecimento.

Seu surgimento está associado ao cenário da uma “sociedade dos meios” que se destaca por nela existir intensa atividade dos mass medias e suas práticas. Também pelo fato da importância atribuída ao trabalho dos mecanismos midiáticos no sentido de produzir inteligibilidades sobre o processo social. Seja ainda, pela importância de sua própria auto-epoiese na elaboração e desenvolvimento de processos observacionais sobre a realidade. (Luhmann, 2005). A ação dos processos midiáticos intensifica-se sobre a ambiência social, disseminando referências de uma cultura tecno comunicacional que atravessa as práticas sociais diversas, suas identidades e seus processos de interação com as instituições. Em consequência, ergue-se uma ambiência permeada por heterogeneidades de circuitos de discursos que se sobrepõem, segundo lógicas e práticas de processos interacionais que se interpenetram, tornando-se difícil estabelecer distinções entre suas fronteiras e os postulados de cada uma delas.

4. DAS MEDIAÇÕES À MEDIATEZADO

A dinamização dos processos midiáticos, ao favorecer o surgimento do cenário da mediatezado, enseja uma ambiência e seu papel na constituição de novo modo de ser no mundo. Rastros de complexas interfaces entre práticas sociais a partir de lógicas dos processos midiáticos, apontam pistas de uma problemática distinta daquela apontada por teorias que, até então, afirmavam que os meios deveriam estar subsumidos às práticas sociais diversas, dentre elas, as de natureza cultural. (Martín-Barbero, 1987). O conceito de mediatezado aparece no ambiente acadêmico, pela primeira vez nas últimas décadas do

século passado, articulado a formulação de um quadro conceitual, bem como às primeiras pesquisas de caráter empírico. quando se observava de modo intenso a “adaptação das instituições das democracias industriais às mídias, tornando-se estas últimas as intermediárias incontornáveis da gestão do social” (Verón, 2004: 278).

Pesquisas descrevem novas formas de contato entre meios e sociedade resultante de práticas significantes que se gestavam no espaço dos noticiários televisivos e, também o reconhecimento da existência de novos coletivos que já não tinham mais com meios relação distante e passiva. Destaca-se o exame de “micro interações” através da saída de cena de *apresentadores-ventríloquos* (Verón, 2009, p. 240, citado por Scolari 2009). O corpo, instância esquecida pelos estudos funcionalistas da comunicação, é objeto de olhares a partir de investigações que privilegiam dimensões micro interacionais. Reconhece-se desta forma, novo vínculo entre estas duas instâncias graças à *performance* do corpo- significante. Dela resulta, além a valorização do conceito de contato e o de confiança como base para um outro tipo de estudos sobre “contrato de leitura”, examinando vínculos entre os meios e atores sociais.

A noção de mediatezado formalizada por Verón e visualizada segundo diagrama abaixo aparece uma década após o primeiro anúncio sobre conceito. A descrição destas relações permite que se distingam dinâmicas constituídas por *feedbacks* complexos, diferentemente dos fluxos previstos pelas teorias da “ação social organizada”. As duplas flechas apontam uma intensa atividade de intercâmbio não linear entre estes níveis. Esse aspecto lembra que a complexidade da mediatezado faz com que não exista nenhum setor da vida cotidiana que não tenha sido afetado por muitas relações por ele descritas (Verón, 1997).

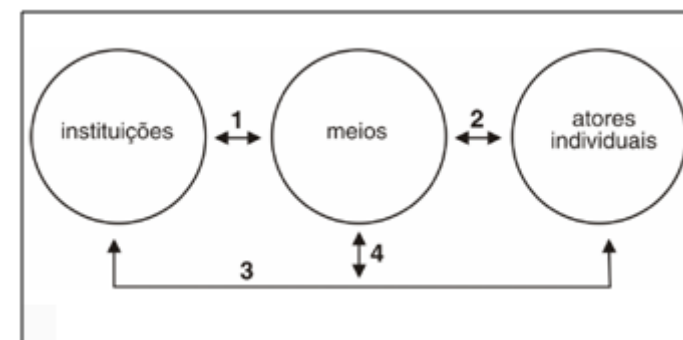


Figura 1. Modelo de mediatezado. Fonte: Verón (1997, p. 15).

O diagrama destaca ainda a complexidade da mediatezado, os meios estão se mesclando com todos os aspectos significativos do funcionamento social. Temos que compreender como vão se estruturando historicamente as relações entre os meios e as instituições sociais e os atores individuais. Em cada um destes três níveis há múltiplas estratégias que, de uma maneira mais ou menos confusa, têm em conta as estratégias presentes nos três níveis. As estratégias às vezes são convergentes e às vezes divergentes. Este sistema de relações entre meios, instituições e atores, é complexo porque não comporta relações

causais (Verón, 1998, p. 3). Também o diagrama funcionou como referência dinamizadora para a realização de novas investigações acerca das complexas relações da mediação com práticas sociais diversas. (Verón, 2015). Resultados das diferentes estratégias investigadas apontam que, no lugar da confirmação das lógicas e expectativas das influências das operações previstas pelas instâncias midiáticas, manifestam-se complexas interpenetrações entre operações de produção de sentidos de universos institucionais e daqueles dos atores sociais, sem, contudo, convergirem.

Estas questões colocam o pesquisador diante do estudo da oferta/apropriação de discursos na perspectiva de uma articulação entre produtores e receptores, de caráter assimétrico, uma vez que a discursividade que se produz entre eles se faz segundo gramáticas e lógicas diferentes. Isso significa dizer que “entre a produção do sentido e seu reconhecimento [...] não há causalidade linear” (Verón, 2004, pp. 82-83). Tanto as dinâmicas de interpenetração daqueles polos como a da circulação podem ser examinadas através de processos de investigação nos quais o observador examina acoplamentos. Mas efeitos deles não podem ser reconhecidos *a priori*, pois dependem das manifestações dos complexos *feedbacks*.

Para alguns autores os elementos apontados como referências centrais na complexificação dos processos interacionais, trazem marcas que indicariam o fim da mediação. A internet trouxe espaço de comunicação universal, acessível a todos, não só a profissionais, como jornalistas, mas também a leigos e sobretudo políticos e organizações: [...]. Os jornalistas vêm perdendo seu monopólio [...] agora é bastante fácil ignorar a filtragem e o *gatekeeping* dos meios [...] e, assim, evadir-se das potências da mídia. Este processo de profissionalização da comunicação pública tem consequência de longo alcance para os sistemas de comunicação política [...]. Os processos de comunicação e de influências baseados nos meios têm sido cada vez mais complementares e até substituídos por comunicações de fontes não midiáticas [...]. Os políticos podem ignorar a mídia e ir ao público por conta própria (Schultz, 2017, pp. 2-3).

Para entender estes novos cenários e os sentidos de suas transformações, o caminho analítico para observá-los não estaria simplesmente em constatar a heterogeneidade que caracteriza a dinâmica de interação entre estes sistemas midiáticos e sistemas dos atores sociais. É preciso ir além, descrevendo as relações entre eles, buscando-se pistas que permitam conhecer algo mais do que propõem algumas abordagens sociológicas da comunicação voltadas para os efeitos destas estratégias, da perspectiva e de lógicas institucionalistas ou causalistas. Reconhecemos que os efeitos da mediação repercutem de modos distintos sobre diferentes práticas sociais, novos circuitos de mediação, entre instituições e atores sociais, que merecem ser estudados com mais profundidade pelos ângulos da semiótica aberta (Boutaud e Verón, 2007).

Assim, no lugar de prognosticar o fim da mediação, e para que se possa compreender seus próprios horizontes, para além do estágio atual, é necessário abarcar o conjunto dos processos da mediação, velhas e novas tecnologias: do lado da oferta, estamos assistindo a uma integração tecnológica sem precedentes [...]. Mas há que se entender que esta convergência tecnológica não implica uma homogeneização, e sim o contrário: produzirá uma diversidade crescente de modalidades de uso. Convergência crescente em produção, divergência crescente em recepção: a distinção entre produção e reconhecimento é hoje mais necessária do que nunca [...] (Verón, 2009, p. 245, citado por Scolari, 2009).

5. MEDIATEZADO E O CISECO

Talvez por desinformação ou limitações das geografias, cenários linguísticos, temporalidades etc., ao longo de quatro décadas, resultados de pesquisas sobre mediação que se tecem no cenário latino-americano, são praticamente, ignorados. Entre duas temporalidades – anos 1980 e os primeiros anos deste século – no contexto geocadêmico anglo-saxão a mediação é apresentada sob roupagens e problemáticas distintas. Lança-se mão de modelos analíticos buscando-se, de um lado, a crença das “variáveis” enquanto condão explicativo sobre a mediação e suas relações com as instituições e atores sociais. Mas, por outro lado, surgem caminhos metodológicos que, equidistantes das “epistemologias binárias”, buscam dar conta de objetos que emergem na pulsão do “ir adiante” processual da mediação.

A mediação opera no contexto latino-americano através do avanço das instituições na forma de universidades, redes e centros, grupos de pesquisas². Destacamos, particularmente, a ação do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação – CISECO (www.ciseco.org.br), em Japaratinga/AL, do qual Eliseo Verón foi fundador e Presidente de Honra. O CISECO promove anualmente o seu encontro temático – que vai para sua 11ª versão em 2021 – com duração de cinco dias, nomeado como Pentálogo, debatendo pesquisas relatadas por expositores internacionais e nacionais. Realiza também o *Colóquio Semiótica das Mídias*, no qual são apresentadas investigações em curso por pesquisadores, professores e estudantes de pós-graduação e graduação³. Ao mesmo tempo, promove atividades que desenvolvam e divulguem o conhecimento semiótico e comunicacional no contexto da América Latina em diálogo com outras disciplinas que lançam seus olhares, de modo interdisciplinar, sobre a mediação.

6. CONCLUSÃO: RECONHECIMENTO?

Algumas problemáticas aqui aludidas, se cruzam e emanam do próprio processo circulatório das obras de pesquisadores, suscitando o debate que vai além de questões fundacionais. Há um amplo material da pesquisa latino-americana que reúne marcas sobre conceitos que nortearam o seu desenvolvimento. Possivelmente, sociedades organizadas em torno de uma densa presença das instituições formulam junto à pesquisa acadêmica engajamentos e também respostas sobre questões que envolvem suas dinâmicas, como se pode ver, por exemplo, na tradição da pesquisa comunicacional anglo-saxônica. Diferente desta característica é o percurso realizado pela pesquisa comunicacional na América Latina, cujo processo histórico mostra sua condição, por longo tempo, de um lugar receptor de modelos e de produtos editoriais enquanto instância de construção de agendas e de prática social, como foi o caso do funcionalismo.

Entendemos que os conceitos de *mediação* e de *mediação*, nos moldes elaborados, representam respostas aos efeitos da “ação social organizada” no âmbito de práticas de instituições brasileiras, a partir de modelos analíticos que apontam graus de autonomia indo além das últimas novidades trazidas pela “mala postal”. É neste contexto que este artigo reflete sobre os caminhos destes dois conceitos que nos parecem ser vigas centrais do edifício da pesquisa comunicacional no Brasil, e cujo processo de solidificação se realiza na experimentação de observações, perguntas e sistematizações a partir do próprio contato

com as práticas sociais. Sem dúvida, estes conceitos são apropriados por biografias das instituições e dos indivíduos que caminham pela pesquisa, contribuindo para a definição de estilos, identidades e posições de coletivos institucionais distintos.

Este artigo buscou apresentar considerações que mostram deslocamentos e avanços de itinerários aprimorando mapas, cartografias e hipóteses de trabalho, conforme atribuição a alguns conceitos. Por exemplo, “a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural: a tecnologia remete hoje não à novidade de alguns aparelhos, mais a novos modos de percepção de linguagem, a novas sensibilidades [...]” (Martín-Barbero, 2004a, pp. 228-229). Há uma sintomatologia que emana de processos observacionais indicando marcas de um cenário de comunicabilidade no qual os meios se apresentam como outro tipo de operador:

[...] as pessoas estão cada vez mais isoladas, mais sozinhas, também nos países latinos, e os meios começam a ter uma importância enorme em termos do que chamamos de ‘cultura a domicílio’. As pessoas já não tinham dinheiro para sair, mais a televisão lhes provê de tudo. [...] Eu já estava repensando estas questões, tinha que fazer uma mudança que não era ir das mediações aos meios, mas perceber que a comunicação se adaptava diante da nova tecnicidade [...] (Martín-Barbero, 2009, pp. 152-153).

Novas angulações epistemológicas indicam que “a noção de comunicação sai do paradigma da engenharia e se liga com as ‘interfaces’, com os ‘nós’ das interações, com a comunicação-interação, com a comunicação intermediada” (Martín-Barbero, 2009, p.153). O trajeto das mediações às interfaces enseja as *hibridizações* de vários níveis que vão além da especificidade de cada meio, o que vai possibilitar o surgimento de uma nova ecologia comunicacional. Ocorrem cruzamentos de trajetórias entre as noções sobre a mediação – ao lembrar que agora vivemos também em um entorno “comunicativo”, com suas linguagens, escrituras e gramáticas. Destaca-se o diagnóstico de Martín-Barbero apontando seu deslocamento do foco da cultura para o da comunicação, como objeto de suas hipóteses de trabalho: “a concepção de comunicação vai se tornando muito mais capaz, ‘epistemologicamente’, de dar conta do que ocorre, com as tecnologias de comunicação transformando-se de instrumento pontual em ecossistema cultural” (Martín-Barbero, 2009, p. 159).

Estas revisões acentuam, segundo a formulação barberiana, de um lado, a importância que têm os meios como atores deste ecossistema, por ele lembrado. E, de outro, enfatiza a dimensão construtivista do seu trabalho ressitando, de alguma forma, as configurações do conceito de mediação. Os meios que ora eram subsumidos pela cultura aqui são reconhecidos pela força da especificidade de suas operações significantes. São formas de reconhecimento que emanam da própria reflexão que assim aponta a potência que pode representar a revisão de conceitos e a incorporação de outros a um determinado modelo investigativo.

As trajetórias de Eliseo Verón e de Jesús Martín-Barbero condensam e simbolizam ações, projetos, amizades e discussões, processos observacionais que se realizam a partir da densidade das suas biografias. Suas obras são compartilhadas em várias temporalidades e contextos, reunindo a história de iniciativas cujas ações e resultados estão em sintonia com a importância da qualificação das condições de produção de conhecimento sobre os

processos comunicacionais na América Latina. Das especificidades dos seus trajetos não se pode pedir pactos ou programas comuns, considerando as singularidades dos objetos e as especificidades dos modelos que orientaram suas investigações. Mas pode-se dizer que suas formulações se contatam nos cruzamentos dos processos em que circularam seus escritos. E destes cruzamentos se exteriorizam manifestações de reconhecimento, em termos analíticos, da importância que têm os aparelhos conceituais que eles manejam em seus projetos investigativos.

Em dois fragmentos de suas obras, aqueles autores lançam novas etapas para um programa de trabalho cooperativo. Em sua última obra, Verón (2013) situa o entendimento que tem sobre o conceito de mediação:

“Se toda comunicação é mediada no sentido de que implica necessariamente uma materialização mediante forma sonora, visual, ou do tipo que for, está claro que não há comunicação sem mediação. [...] Neste contexto {da mediação} devemos distinguir cuidadosamente entre ‘mediação’ e ‘fenômeno mediático’. A mediação é um aspecto definidor da comunicação em geral e resulta de uma materialidade sensorial, inevitável do suporte. De outra forma, temos um fenômeno mediático tão somente a partir do momento em que os signos possuem, em algum grau, as propriedades de autonomia tanto da fonte como do destino e a persistência no tempo. [...] Em síntese: a comunicação humana é necessariamente ‘mediada’ em todos os seus níveis, desde o micro até o macro, simplesmente porque o sentido somente pode circular materializado: desde este ponto de vista, a conversa cara a cara entre dois indivíduos é tão ‘mediada’ como a circulação planetária de uma partida de futebol. A diferença crucial é que na transmissão da partida de futebol a semiosis humana está mediada e na conversa humana não está” (Verón, 2013, pp. 144-147).

Há mais de uma década, Martín-Barbero observa a importância da materialidade significativa para se entender as complexidades por que passam as reconfigurações das mediações:

“[...] se a televisão exige da política negociar as formas de sua mediação, é porque este meio proporciona pela primeira vez o ‘eixo de mirada’ (Verón, 1987) desde o qual a política não só pode penetrar o espaço doméstico, como reintroduzir em seu discurso a corporeidade, a gestualidade e a teatralidade, isto é a materialidade significativa de que é feita [...] (Martín-Barbero, 2004b, p. 32)”.

Trajeto destes conceitos se fazem no meio de histórias de “migração intelectual”, em anos próximos, através de biografias que se visitam em contextos fronteiriços: filosóficos, sócio- antropológicos e semióticos. E nos reencontros que travaram, segundo os pinçamentos ao longo dos seus escritos, dizem que a boa teoria se faz no ir e vir das observações, das perguntas, mas também de reconhecimentos. Essas são trajetórias cujos processos seguiremos, pois ficam como legado para gerações futuras de pesquisadores, compartilhando processos e achados que continuarão a emergir destas obras tão caras para os estudos de comunicação.

NOTAS

¹ Este artigo foi originalmente apresentado no I Seminário Internacional de Pesquisas em Mideatização e Processos Sociais, no PPGCC-UNISINOS, com apoio da Capes e do CNPq.

² De modo resumido, destacamos as Redes Prosul e do “Procad de Comunicação”; o Centro de Investigaciones en Mediatizaciones – CIM, em Rosário (Argentina); a Linha de Pesquisa “Mideatização e Processos Sociais”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISINOS (São Leopoldo/Brasil); sua revista *Questões Transversais*; a realização do encontro internacional, na sua segunda versão, sobre “Mideatização e Processos Sociais”

³ Os trabalhos do Pentálogo são editados em livros, já tendo sido publicados os seguintes temas: “Transformações da Mideatização Presidencial: corpos, relatos, negociações, resistências” – Difusão Editora (2012); “Pentálogo III – Internet: Viagens no espaço e no tempo” – Cópias Santa Cruz Editora (2013); “A Rua no Século XXI: materialidade urbana e virtualidade cibernética” – Edefal (2014); “Dicotomia Público/Privado: estamos no caminho certo?” – Edefal (2015); “Vigiar a Vigilância: uma questão de saberes” – Edefal (2016); e “A Circulação Discursiva, entre Produção e Reconhecimento” – Edefal (2017). As comunicações do Colóquio Semiótica das Mídias podem ser encontradas em <http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÁN, L. R. (1979). A influência dos Estados Unidos na comunicação de massa na América Latina. Em Wertheim, J. (org.). *Meios de Comunicação: realidade e mito*. São Paulo: Ed. Nacional, 170-230.
- BORDENAVE, J. (1978). *Aspectos políticos e implicaciones de la comunicación participativa*. Quito: Ciespal.
- BOUTAUD, J.-J.; VERÓN, E. (2007). *Sémiotique ouverte: itinéraires sémiotiques en communication*. Paris: Lavoisier.
- ESCUADERO CHAUVEL, L.; SOTO, M.; TRAVERSA, O. (2018). *La Semiosis Social. La semiótica de Eliseo Verón*. DeSignis, 29.
- FAUSTO NETO, A.; MOUCHON, J.; VERÓN, E. (org.) (2012). *Transformações da midiatização presidencial: corpos, relatos, negociações, resistências*. São Caetano do Sul: Difusão.
- FAUSTO NETO, A.; FERREIRA, J.; BRAGA, J. L.; GOMES, P. G. (org.) (2010). *Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- FREIRE, P. (1970). *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HAVENS, E. (1972). Methodological issues in the study of development. *Third World Congress of Rural Sociology*, Baton Rouge, Louisiana.
- La Trama de la Comunicación (2019). *El efecto Verón*, 23(2). Rosario: UNR Editora.
- LUHMANN, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.
- MARTÍN-BARBERO, J. [1987] (2015) *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- MARTÍN-BARBERO, J. (2004a). *Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Tradução: Fidelina Gonzáles. São Paulo: Loyola.
- (2004b). Razón técnica y razón política: espacios/tiempos no pensados. Lección inaugural Facultad de Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Bogotá (Colombia). Lima: ALAIC.
- (1987) *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*. Barcelona: Gustavo Gili.
- (1978) *Comunicación masiva: discurso y poder*. Quito: CIESPAL.
- ROGERS, E. [1962] (1995). *Dissemination of innovation*. Nova York: Free Press.
- SCHULZ, W. (2017). The end of mediatization. No simposio internacional *Political Communication at a Crossroads: An International Encyclopedia*. Milan, 17 Março.

- SCOLARI, C. (2009). *El fin de los medios masivos: el comienzo del debate*. Buenos Aires: La Crujía.
- VERÓN, E. (2015). Teoría de la mediatización: una perspectiva semio-antropológica. *Cuadernos de Información y Comunicación*, 20, 173-182.
- (2013) *La Semiosis Social, 2. Ideas, Momentos, Interpretantes*. Buenos Aires: Paidós.
- (1998). Mediatización de lo político: estrategias, actores y construcción de los colectivos. En Mouchon, J.; Gosselin, A.; Gauthier, G. (org.). *Comunicación y política*. Barcelona: Gedisa, 220-236.
- (1997). Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos*, 48, 9-16.
- (1987). *La semiosis social: Fragments d'une théorie de la discursivité*. Saint Denis: PUV.
- (1986). *La mediatización*. UBA: Cursos y Conferencias.
- (1974). Acerca de la producción social del conocimiento: el “estructuralismo” y la semiología en Argentina y Chile. *Lenguajes*, Buenos Aires: Nueva Visión, 1(1), 96-125.

